

# Todo este jazz

Portugal já não chega para a Orquestra de Jazz de Matosinhos. Fomos comprová-lo a Barcelona, onde se tornaram orquestra residente do Festival Internacional de Jazz local

POR GABRIELA LOURENÇO TEXTO E LUCÍLIA MONTEIRO FOTOS



## OJM em datas

**1999** Nasce a Orquestra de Jazz de Matosinhos

**2001** Com o Porto 2001, a OJM começa a alargar o seu repertório

**2006-2011** De Orquestra Jazz de Matosinhos Invites: Chris Cheek a Amoras e Framboesas, são já sete os discos editados pela OJM

**2007** Atuam no Carnegie Hall, no JVC Jazz Festival

**2008** Assinam um protocolo com a Casa da Música, onde ensaiam desde 2005

**2009** Interpretam a música de Maria Schneider num concerto dirigido pela compositora norte-americana

**A**s gargalhadas são mais do que muitas dentro do *minibus* que atravessa Barcelona, já depois da uma da manhã. Pouco se nota o cansaço de quem, quase 24 horas antes, às 6h35, apanhou o voo do Porto para a cidade catalã. Contam-se anedotas, trocam-se os «vês» pelos «bês», não se poupa no calão. «Já viram o que tenho de aturar?», exclama, divertida, Susana Santos Silva, uma das duas únicas mulheres no meio dos 15 homens que compõem a Orquestra de Jazz de Matosinhos (OJM). A animação, a caminho do hotel, não é de estranhar: acabaram de atuar na 46.ª edição do Festival Internacional de Jazz de Barcelona, num concerto com o guitarrista norte-americano Kurt Rosenwinkel, e a noite não podia ter corrido melhor.

Recuemos mais umas horas, até ao átrio da sala Barts – Barcelona Arts on Stage, onde decorreu o concerto, para os ver sair minutos depois da atuação e serem aplaudidos por dezenas de pessoas que ali ficaram. Conversaram, deram autógrafos, venderam (e bem) *Our Secret World*, o disco que editaram em 2010 em Portugal e nos Estados Unidos, resultado da colaboração com Rosenwinkel, ouviram sucessivos elogios. Ashley Kahn, jornalista americano especializado em jazz, habituado a correr os

festivais em todo o mundo, é peremptório: «Há qualquer coisa de especial na música que se ouve em Barcelona, por isso é normal encontrarmos sempre os músicos com um sorriso quando tocam cá», comenta. Para falar da OJM, não poupa em palavras. «É a segunda vez que os vejo ao vivo. Já tinha assistido a um concerto deles, num clube em Nova Iorque, há uns dois ou três anos, e foi bom, mas não fantástico, confesso. Mas, às vezes, quando ouvimos um novo projeto, ouvimos também as possibilidades que tem e que podem vir a amadurecer. E foi isso que aconteceu com eles. Não ouvi um único erro neste concerto. Foi como um carro a deslizar suavemente numa estrada. Esta hora e meia passou em cinco minutos e isso só acontece quando a música é mesmo boa. Vamos a festivais à espera de ter experiências destas», elogia.

## Construir do zero

Recuemos agora uns anos valentes, para perceber de onde veio este grupo que, a partir de agora, se tornou a orquestra residente do Festival Internacional de Jazz de Barcelona (uma aliança que a levará a apresentar, ali, um concerto anualmente), fazendo assim parte de uma programação, até meados de dezembro, que leva à Catalunha nomes

«Queremos sair mais de Portugal e ter mais visibilidade no estrangeiro», diz Pedro Guedes, maestro, compositor e fundador da Orquestra de Jazz de Matosinhos





Em Barcelona, a Orquestra de Jazz de Matosinhos e o guitarrista Kurt Rosenwinkel deram um concerto «sem erros», elogiou um crítico de jazz norte-americano

como Jacques Morelenbaum, Vicente Amigo, Wayne Shorter, Arto Lindsay, John Legend, Brad Mehldau ou Paolo Conte. Sigamos o compositor e maestro Pedro Guedes que, em 1997, decidiu propor ao clube de jazz Heritage, em Matosinhos, a criação da Heritage Big Band. «Não havia tradição de orquestras de jazz em Portugal e a cena do jazz no Porto era muito pequena», recorda agora. «Construímos tudo do zero. Foi caótico, por vezes. Não havia quem tocasse os instrumentos de que precisávamos...», continua. Ainda assim, eram 13 os músicos que se juntavam no clube, duas ou três vezes por mês, para tocar temas originais compostos por Pedro Guedes e pelo pianista Carlos Azevedo.

Quando, dois anos depois, o Heritage fechou, conseguiram manter o grupo com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos e rebatizaram-se. Hoje, são uma verdadeira família de 17, em formato *big band*: dois diretores musicais (Pedro Guedes, o maestro, e Carlos Azevedo, no piano), cinco saxofones (João Pedro Brandão, Mário Santos, Rui Teixeira, José Luís Rêgo e José Pedro Coelho), quatro trompetes (Gileno Santana, Javi Pereira, Rogério Ribeiro e Susana Santos Silva), quatro trombones (Álvaro Pinto, Andreia Santos, Daniel Dias

e Gonçalo Dias) e secção rítmica (Demian Cabaud, no contrabaixo, e Marcos Cavaleiro, na bateria).

Aos poucos, foram expandindo o repertório e, como diz Pedro Guedes, hoje são «um misto de orquestra de autor e de repertório». «E isso é que é divertido, andar sempre a fazer coisas diferentes», defende o maestro. Do jazz tradicional ao contemporâneo, das misturas com a música cabo-verdiana como fizeram com Mayra, a outras sonoridades, como quando tocaram com a Orquestra Nacional do Porto, a OJM tem um currículo amplo, onde aparecem nomes como João Paulo Esteves da Silva, Carlos Bica, Maria João (com quem editaram, em 2011, o disco *Amoras e Framboesas*), a brasileira Maria Rita, ou os mais *jazzzy* Jason Moran, Dan Weiss, Chris Cheek ou Jim McNeely.

### Atravessar os Pirenéus

Regressemos agora a Barcelona, à sala Barts, durante os ensaios que antecederam o concerto da noite, para testemunhar a sintonia entre a orquestra e Kurt Rosenwinkel, considerado, aos 44 anos, um dos mais importantes guitarristas da sua geração. «Cool», repete, com um sorriso, quando finalmente abre os olhos e pára o dedilhar frenético da sua guitarra. «Os arranjos que

a orquestra fez das minhas músicas são fantásticos», há de elogiar, «há um entendimento mútuo, acho, e tocar com eles faz-me mesmo mais forte como guitarrista.» Juntos, têm novo concerto marcado para 29 de janeiro de 2016, no Concert Hall de Viena, na Áustria. «Ok, eu ensaio até lá...», brinca Rosenwinkel.

Para Pedro Guedes, a internacionalização da OJM é um dos principais objetivos. «Queremos sair mais de Portugal, ter mais visibilidade no estrangeiro», afirma o maestro e compositor. «Estamos a afirmar-nos na Península Ibérica e depois queremos atravessar os Pirenéus», acrescenta, lembrando que, em 2007, quando atuaram no Carnegie Hall, foram a primeira formação portuguesa de jazz a participar num festival norte-americano, o JVC Jazz Festival.

Talvez por isso, o trompetista galego Javier Pereiro, 32 anos, não se importa de fazer o caminho inverso e atravessar a fronteira rumo a Matosinhos, uma vez por semana, para ensaiar com a orquestra. Foi o último a juntar-se ao grupo, há cerca de dois anos, e é o único que não mora na zona, mas vale a pena o esforço, garante o músico que, na Galiza, faz parte de várias pequenas formações de jazz: «O que me agrada aqui é ser uma peça de uma grande construção e participar numa obra de arte muito mais elaborada, podendo atingir níveis de grandiosidade e de beleza diferentes. Por vezes fico mesmo... ‘uau!’». Para Susana Santos Silva, que, como os outros, tem os seus projetos fora da orquestra, tocar aqui mantém-lhe «os pés no chão» e dá-lhe oportunidades de trabalhar com músicos e compositores que nunca teria de outra forma. «Aprendi muito mais nos ensaios do que na escola», assegura. É desta comunhão que nasce a música da Orquestra de Jazz de Matosinhos – e isso vê-se com facilidade, seja em cima do palco, seja num *minibus* a atravessar Barcelona, com muitas gargalhadas à mistura. ▣

